

Da análise de conteúdo à textualidade

1. *Este número de ANÁLISE PSICOLÓGICA é o fruto de uma redescoberta de psicólogos portugueses. Não é pois de estranhar que, mais do que resultados, aqui se apresentem projectos.*

Poder-se-á, aliás, perguntar: quais as razões do interesse da psicologia pela linguagem? É que paradoxalmente, a linguagem é, ao mesmo tempo, enigma e chave da sua solução, sintoma do sujeito na sua deriva.

Enquanto enigma, a linguagem é questão posta: processo destabilizador da palavra que a precede, projecto duma nova palavra imprevisível. Enquanto chave da solução, a linguagem é totalidade fechada: sistema de formas articuladas. Abertura e clausura são assim as suas características paradoxais. Não admira, pois, que alguns dos trabalhos aqui reunidos insistam mais no aspecto sistemático da linguagem, mostrando a estrutura interna fechada do texto, enquanto outros tentem articular a fala, como sintoma, com estruturas não linguísticas.

O sistema da linguagem é a língua, com a sua dupla dimensão: vertical ou paradigmática e horizontal ou sintagmática. Trabalhando ao mesmo tempo com estes dois eixos, o locutor articula, segundo regras que a gramática codifica, na frase e nas estruturas transfrásticas que constituem o discurso, formas e significados extraídos do léxico. O processo da linguagem é a fala que se insere num contexto psico-sócio-cultural historicamente determinado.

Falar da/a linguagem torna-se assim uma produção original de linguagem extremamente complexa que não pode deixar de integrar dimensões, eixos, contextos aparentemente contraditórios. Por este motivo, cada um dos colaboradores deste número de ANÁLISE PSICOLÓGICA tentou explicitar uma destas dimensões, procurando um lugar, um topos homogeneizador da sua escrita/leitura da textualidade. Esta pluralidade explica o carácter heterogéneo do conjunto: heterogeneidade ao nível do objecto de pesquisa como ao nível do método de

abordagem. A justificação desta pluralidade estará na leitura em várias dimensões da prática da escrita que se destrói no momento em que gera uma nova semiosis: a do leitor.

O que unifica, no entanto, este número de ANÁLISE PSICOLÓGICA é a recusa da univocidade (do denotado enquanto a única produtividade do Texto), como fundamento do trabalho literário para favorecer a interpretação do plural do Texto. Qual o instrumento desta leitura plural? A conotação, tal como a definiu pela primeira vez Louis Hjelmslev (1944-1966).

2. *Uma das primeiras investigações empíricas em Sociologia, The Polish Peasant, de Thomas e Znaniecki (1927) e trabalhos de psicologia biográfica como o de McCurdy sobre Charlotte e Emily Brontë (1947), ou o de Baldwin (1942) sobre as cartas de Jenny (cuja análise seria retomada mais tarde por Allport), ou ainda o de R. White (1947) sobre Richard Wright são alguns dos exemplos dos primeiros escritos de análise sistemática de materiais linguísticos como sintomas pessoais e colectivos.*

No entanto, é no contexto da intervenção política e segundo o padrão objectivista próprio ao behaviorismo que Lasswell (1927) estrutura a análise de conteúdo, respondendo às necessidades de montagem-desmontagem da propaganda como arma de guerra.

Posteriormente, o desenvolvimento do movimento operário, a ascensão do nazi-fascismo e as acções de propaganda e contrapropaganda no decorrer da Segunda Guerra Mundial exigem por parte do poder de estado americano a elucidação e o controle destes fenómenos que encontra na análise de conteúdo das comunicações um dos melhores instrumentos de resposta.

É assim de análise política e seguindo procedimentos definidos por Berelson (1952) e por Berelson-Lazarsfeld (1948) o número mais significativo de trabalhos de análise de conteúdo publicados entre 1940 e o fim da guerra fria. Mas, como técnica bastante produtiva, a análise de conteúdo foi desde logo utilizada em Psicologia e Sociologia, quer no estudo dos meios de comunicação social, quer no tratamento de entrevistas clínicas ou de inquéritos, quer ainda no de documentos e dados de observação etnológica.

Passada esta primeira fase, que caracterizaríamos de produtivista, os analistas dão-se conta de que a rigorosa decomposição dos textos e o tratamento estatístico exaustivo que empreendiam deixava escapar muitas vezes o essencial das significações procuradas. Surgem então os primeiros trabalhos sobre a validade interna e externa da análise de conteúdo.

Exemplo deste novo estágio são as comunicações do Congresso de Allerton House em 1955 (Pool, 1959). Neste congresso já não se encontram só autores ligados às ciências políticas mas também psicólogos, sociólogos e sobretudo linguistas. Tomamos hoje consciência de que se dava então uma viragem no conjunto das ciências humanas

devida em grande parte à descoberta dos progressos da linguística desde Ferdinand de Saussure (1918) e dos formalistas russos (Propp, 1928-1965).

De facto, o trabalho até aí desenvolvido ignorava a linguística: para a análise de conteúdo a linguagem valia apenas como índice de fenómenos não linguísticos. No entanto, a dificuldade de articulação entre as variáveis de análise (de tipo psicológico ou sociológico) e o texto como estrutura levou à necessidade de um confronto entre a teoria psicológico-sociológica e a linguística (Henri e Moscovici, 1968).

Surge, então, um novo quadro de reflexão que se sobrepõe às velhas questões do quantitativo versus qualitativo e do conteúdo manifesto versus conteúdo latente. Reconhece-se que não há análise de conteúdo que não assente na inferência, e que aquilo de que se fala muito não é necessariamente mais importante do que aquilo de que se fala pouco ou de que não se fala. De acordo com a teoria da informação, dir-se-ia mesmo que quanto mais fraca é a probabilidade de ocorrência de um conteúdo, maior é a quantidade de informação que lhe é subjacente.

À medida que se deixava atravessar por diferentes contribuições teóricas (da linguística, da teoria da informação e da comunicação), a análise de conteúdo via colocar-se um número cada vez maior e mais pertinente de questões à sua lógica interna.

À margem deste contexto, os psicanalistas continuaram o caminho aberto por Freud (1900-1967) através do significante enquanto trabalho da simbólica do inconsciente sobre a falta originária (Lacan, 1966); Levi-Strauss empreende a análise estrutural dos mitos e propõe a aplicação dos modelos linguísticos à Antropologia (1958, 1977); Greimas desenvolve uma teoria de análise semântica (1966, 1970) e Barthes propõe o texto como objecto de abordagem interdisciplinar:

«A interdisciplinaridade, de que tanto se fala, não consiste em confrontar disciplinas já constituídas. Para fazer interdisciplinaridade, não basta tomar um assunto (um tema) e convocar em volta dele duas ou três ciências. A interdisciplinaridade consiste em criar um objecto novo, que não pertença a ninguém. O Texto é, creio eu, um destes objectos.» (Barthes, 1972.)

Estavam assim lançadas as bases do que Edgar Morin (1968) chamou a frente comum linguístico-semiológico-estrutural, novo espaço de confronto para o trabalho que a psicologia e as ciências sociais em geral tentam realizar sobre a fala, quer ao nível da prática teórica, quer ao nível da intervenção.

3. A corrente de pensamento que aparece nos primeiros anos da década de 60 em França e que tem como principal preocupação a análise literária e a elaboração de uma teoria da literatura, volta-se

dez anos mais tarde para a análise do discurso, de preferência o discurso quotidiano, aparentemente banal (publicidade, banda desenhada, moda «jornalística», etc.). Esta investigação propõe-se assim como objectivo o estudo da matéria semântica de várias leituras possíveis dos fenómenos sociais: psicológica, psicanalítica, temática ou estrutural. Em função da sua ambição transdisciplinar, estamos agora num estágio de inventário semântico de que poderiam vir a resultar as leituras subentendidas.

O Texto (o mundo enquanto «aglomerado de textos») torna-se assim «materialidade»; a análise do texto aparece antes de mais como materialista. Os artigos aqui propostos situam-se neste projecto.

4. Para além dos limites deste número de ANÁLISE PSICOLÓGICA, considerar-nos-íamos compensados se a Psicologia em Portugal aqui encontrasse elementos susceptíveis de aprofundar o texto como sintoma do sujeito na sua deriva. Resta-nos agradecer a todos quantos deram parcelas de gratuidade própria ao trabalho intelectual português para que fosse possível a realização deste número.

ADRIANO DUARTE RODRIGUES
JORGE VALA

REFERÊNCIAS

- BALDWIN, A. L. (1942) — «Personality structure analysis: a statistical method for investigating the single personality», *Journal Abnormal Social Psychology*, 37:163-183.
- BARTHES, R. (1970) — *S/Z*, col. Tel Quel, Seuil, Paris.
- BARTHES, R. (1976) — *Mitologias*, Edições 70, Lisboa.
- BARTHES, R. (1972) — «Jeunes Chercheurs», in *Communications*, 19:1-5.
- BERELSON, B. (1952) — *Content analysis in Communication research*, The Free Press, Glencoe.
- BERELSON, B. e LAZARFELD, P. (1948) — *The Analysis of Communications Content*, Univ. of Chicago and Columbia.
- FREUD, S. (1900-1967) — *L'interprétation des rêves*, P.U.F., Paris.
- GREIMAS, A.-J. (1966) — *Sémantique structurale*, col. Langue et langage, Larousse, Paris.
- GREIMAS, A.-J. (1970) — *Du Sens. Essais Sémiotiques*, Seuil, Paris.
- HENRY, P. e MOSCOVICI, S. (1968) — «Problèmes de l'analyse de contenu», *Langages*, 11:36-60.
- HJELMSLEV, L. (1944-1966) — *Prolégomènes à une théorie du Langage*, col. Arguments, 35, Minuit, Paris.
- KRISTEVA, J. (1969) — *Sêmeiôtikê. Recherches pour une sémanalyse*, col. Tel Quel, Seuil, Paris.
- KRISTEVA, J. (1970) — *Le Texte du roman*, Mouton, La Haye.
- KRISTEVA, J. (1977) — *Polylogue*, Seuil, Paris.
- LACAN, J. (1966) — *Écrits*, Seuil, Paris.
- LASSWELL, H. D. (1927) — *Propaganda technique in the World War*, Knopf, New York.
- LÉVI-STRAUSS, Cl. (1958) — *Anthropologie structurale*, Plon, Paris.
- LÉVI-STRAUSS, Cl. (1977) — «Prefácio» a Jakobson, R., *Le son et sens*, Seuil, Paris.
- MCCURDY (1947) — «A study of the novels of Charlotte and E. Brontë as an expression of their personalities», *Journal of Pers.*, 16:109-152.
- MORIN, E. (1968) — *Nouveaux courants dans l'étude des communications de masse*, Unesco, Paris.
- POOL, I. S. (1959) — *Trends in Content Analysis*, Univ. of Illinois Press, Urbana.
- PROPP, VI. (1928-1965) — *Morphologie du conte*, Seuil, Paris.
- SAUSSURE, F. de (1918) — *Cours de Linguistique générale*, Payot, Paris.
- THOMAS, W. e ZNANIECKI, F. (1927) — *The Polish Peasant in Europa and America*, 2 vols., Knopf, New York.
- WHITE, R. (1947) — «Black Boy: a value analysis», *Journal of Abnormal Social Psychology*, 42:440-461.